

Exercícios de Literatura

Arcadismo

1) (Fatec-1995) "Voltaram à baila os deuses esquecidos, as ninfas esquivas, as náiades, as oréadas e os pastores enamorados, as pastoras insensíveis e os rebanhos numerosos das bucólicas de Teócrito e Virgílio."
(Ronald de Carvalho, PEQUENA HISTÓRIA DE LITERATURA BRASILEIRA)

O trecho acima refere-se ao seguinte movimento literário:

- a) Romantismo.
- b) Barroco.
- c) Arcadismo.
- d) Parnasianismo.
- e) Naturalismo.

2) (Faap-1997) AS POMBAS

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sangüínea e fresca a madrugada

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais, de novo, elas, serenas
Rufando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam
E eles aos corações não voltam mais...
(Raimundo Correia)

Nunca poderia ter lido o poema "AS POMBAS", este mesmo que você acaba de ler:

- a) Machado de Assis
- b) Aluísio Azevedo
- c) Tomás Antônio Gonzaga
- d) Olavo Bilac
- e) Euclides da Cunha

3) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base dois sonetos, um do neoclássico brasileiro José da Natividade Saldanha (1795-1830), e outro do simbolista brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914).

Soneto

Os teus olhos gentis, encantadores,
Tua loira madeixa delicada,
Tua boca por Vênus invejada,
Onde habitam mil cândidos amores:

Os teus braços, prisão dos amadores,
Os teus globos de neve congelada,
Serão tornados breve a cinza!... a nada!...
Aos teus amantes causarão horrores!...

Céus! e hei-de eu amar uma beleza,
Que à cinza reduzida brevemente
Há-de servir de horror à Natureza!...

Ah! mandai-me uma luz resplandecente,
Que minha alma ilumine, e com pureza
Só ame um Deus, que vive eternamente.
(José da Natividade Saldanha. Poemas oferecidos aos amantes do Brasil. 1822.)

Soneto

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!
(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)

José da Natividade Saldanha é considerado um poeta de transição, por apresentar em sua obra a mescla de traços do Neoclássicismo e do Romantismo. Leia seu poema e, em seguida,

- a) indique uma característica do Neoclássicismo nas duas primeiras estrofes do soneto;
- b) identifique, no conteúdo dos dois tercetos, uma atitude do eu-poemático típica do Romantismo.

4) (Vunesp-2001) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um fragmento do poema **Em Defesa da Língua**, do poeta neoclássico português Filinto Elísio (1734-1819), uma passagem de um texto em prosa do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898) e uma passagem de

um texto em prosa do poeta modernista brasileiro Tasso da Silveira (1895-1968).

Em Defesa da Língua

Lede, que é tempo, os clássicos honrados;
Herdei seus bens, herdei essas conquistas,
Que em reinos dos romanos e dos gregos
Com indefesso estudo conseguiram.
Vereis então que garbo, que facúndia
Orna o verso gentil, quanto sem eles
É delambido e peço o pobre verso.

.....
Abra-se a antiga, veneranda fonte
Dos genuínos clássicos e soltem-se
As correntes da antiga, sã linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas
(Não cesso de o dizer, porque é urgente);
Cavemos a facúndia, que abasteça
Nossa prosa eloqüente e culto verso.
Sacudamos das falas, dos escritos
Toda a frase estrangeira e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.
Quero dar, que em francês hajam formosas
Expressões, curtas frases elegantes;
Mas índoles dif'rentes têm as línguas;
Nem toda a frase em toda a língua ajusta.
Ponde um belo nariz, alvo de neve,
Numa formosa cara trigueirinha
(Trigueiras há, que às louras se avantajam):
O nariz alvo, no moreno rosto,
Tanto não é beleza, que é defeito.
Nunca nariz francês na lusa cara,
Que é filha da latina, e só latinas
Feições lhe quadram. São feições parentas.
In: ELÍSIO, Filinto. Poesias. Lisboa: Livraria Sá da Costa-
Editora, 1941, p. 44 e 51.

O Estilo

O estilo é o sol da escrita. Dá-lhe eterna palpitação, eterna vida. Cada palavra é como que um tecido do organismo do período. No estilo há todas as gradações da luz, toda a escala dos sons.

O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor - gradua a luz, tonaliza, esbate e esfumina os longes da paisagem. O princípio fundamental da Arte vem da Natureza, porque um artista faz-se da Natureza. Toda a força e toda a profundidade do estilo está em saber apertar a frase no pulso, domá-la, não a deixar disparar pelos meandros da escrita.

O vocábulo pode ser música ou pode ser trovão, conforme o caso. A palavra tem a sua anatomia; e é preciso uma rara percepção estética, uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica, apuradíssima, para a exatidão da cor, da forma e para a sensação do som e do sabor da palavra.

In: CRUZ E SOUSA. Obra completa. Outras evocações. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961, p. 677-8.

Técnicas

A técnica artística, incluindo a literatura, se constitui, de começo, de um conjunto de normas objetivas, extraídas da longa experiência, do trato milenário com os materiais mais diversos. Depois que se integra na consciência e no instinto, na inteligência e nos nervos do artista, sofre profunda transfiguração. O artista "assimilou-a" totalmente, o que significa que a transformou, a essa técnica, em si mesmo. Quase se poderia dizer que substituiu essa técnica por outra que, tendo nascido embora da primeira, é a técnica personalíssima, seu instrumento de comunicação e de transfiguração da matéria. Só aí adquiriu seu gesto criador a autonomia necessária, a força imperativa com que ele se assenhoreia do mistério da beleza para transfundi-lo em formas no mármore, na linha, no colorido, na linguagem. A técnica de cada artista fica sendo, desta maneira, não um "processo", um elemento exterior, mas a substância mesma de sua originalidade. Inútil lembrar que tal personalíssima técnica se gera do encontro da luta do artista com o material que trabalha.

In: SILVEIRA, Tasso da. Diálogo com as raízes (jornal de fim de caminhada). Salvador: Edições GRD-INL, 1971, p. 23.

Os três fragmentos dados, embora escritos por três poetas de períodos diferentes e abordando temas distintos, revelam bastante afinidade. Com base nesta observação, releia-os e, a seguir,

- indique uma identidade entre os três textos, no que diz respeito à temática abordada;
- sintetize o principal conselho dado por Filinto Elísio, em consonância com a poética do Neoclassicismo, para que um poeta consiga escrever bem.

5) (Mack-2004) Já sobre o coche de ébano estrelado

Deu meio giro a noite escura e feia;
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque, à luz vedado!
Jaz entre as folhas Zéfiro abafado,
O Tejo adormeceu na lisa areia;
Nem o mavioso rouxinol gorjeia,
Nem pia o mocho, às trevas costumado:
Só eu velo, só eu, pedindo à sorte
Que o fio, com que está minha alma presa
À vil matéria lânguida me corte:
Consola-me este horror, esta tristeza;
Porque a meus olhos se afigura a morte
No silêncio total da natureza.
Bocage

Vocabulário:

coche de ébano: carruagem de madeira escura
jaz: está ou parece morto

mocho: coruja
lânguida: doentia

Nesse poema, a referência à cultura mitológica (Zéfiro) revela influência da estética

- a) romântica.
- b) simbolista.
- c) trovadoresca.
- d) árcade.
- e) parnasiana.

6) (FEI-1995) Leia com atenção:

"A poesia desta época, localizada em fins do século XVIII e início do XIX, caracteriza-se pelo lirismo. Fiéis ao espírito bucólico e pastoril, os poetas adotavam pseudônimos e, em seus textos, falavam e agiam como pastores, tratando de pastoras suas amadas. O mundo greco-romano vem completar o quadro lírico das composições da época".

Assinalar a alternativa que contém o período literário a que se refere o trecho acima:

- a) Romantismo
- b) Simbolismo
- c) Parnasianismo
- d) Arcadismo
- e) Barroco.

7) (UFSCar-2002) Texto 1

(Zé Rodrix e Tavito)

Eu quero uma casa no campo
do tamanho ideal
pau-a-pique e sapê
Onde eu possa plantar meus amigos
meus discos
meus livros
e nada mais

Texto 2

(Cláudio Manuel da Costa)

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia,
Que da cidade o lisonjeiro encanto;
Aqui descanse a louca fantasia;
E o que té agora se tornava em pranto,
Se converta em afetos de alegria.

Embora muito distantes entre si na linha do tempo, os textos aproximam-se, pois o ideal que defendem é

- a) o uso da emoção em detrimento da razão, pois esta retira do homem seus melhores sentimentos.
- b) o desejo de enriquecer no campo, aproveitando as riquezas naturais.
- c) a dedicação à produção poética junto à natureza, fonte de inspiração dos poetas.

d) o aproveitamento do dia presente - o carpe diem-, pois o tempo passa rapidamente.

e) o sonho de uma vida mais simples e natural, distante dos centros urbanos.

8) (Unifesp-2002) Texto I:

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
Num vale de altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lágrimas ao rio.
(Luís de Camões, *Ao longo do sereno*.)

Texto II:

Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas,
so aqeste ramo destas auelanas
e quen for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
so aqeste ramo destas auelanas
uerrá baylar.
(Aires Nunes. *In Nunes, J. J., Crestomatia arcaica*.)

Texto III:

Tão cedo passa tudo quanto passa!
morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.
(Fernando Pessoa, *Obra poética*.)

Texto IV:

Os privilégios que os Reis
Não podem dar, pode Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
mortes e guerras cruéis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo sofre quem o serve.
(Luís de Camões, *Obra completa*.)

Texto V:

As minhas grandes saudades
São do que nunca enlancei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)
(Mário de Sá Carneiro, *Poesias*.)

O motivo do carpe diem ("aproveita o dia", em latim) expressa, em geral, o gosto de viver plenamente a vida, de usufruir os dons da beleza e a energia da juventude, enquanto o tempo permitir. Esse motivo aparece nos textos

- a) I e II.
- b) II e III.

- c) III e IV.
- d) IV e V.
- e) I e V.

9) (Unifesp-2002) Texto I:

“O Vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita; não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. (...) Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.

À esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quase a pique, está um maciço de verdura do mais belo viço e variedade. (...)

Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meio aberta de uma habitação antiga, mas não dilapidada - (...) A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício, que todavia mal se vê...”

(Almeida Garrett, Viagens na minha terra.)

Texto II:

“Depois, fatigado do esforço supremo, [o rio] se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes. A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa. (...) Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.”

(José de Alencar, O guarani.)

Texto III:

“Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço

De estar a ela um dia reclinado:

Ali em vale um monte está mudado:

Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,

Que faziam perpétua a primavera:

Nem troncos vejo agora decadentes.”

(Cláudio Manuel da Costa, Sonetos-VII.)

Podem ser encontradas características predominantes do estilo neoclássico ou arcádico apenas

- a) no texto I.
- b) no texto II.
- c) no texto III.
- d) nos textos I e II.
- e) nos textos II e III.

10) (Mack-2004)

Já sobre o coche de ébano estrelado
Deu meio giro a noite escura e feia;
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque, à luz vedado!
Jaz entre as folhas Zéfiro abafado,
O Tejo adormeceu na lisa areia;
Nem o mavioso rouxinol gorjeia,
Nem pia o mocho, às trevas costumado:
Só eu velo, só eu, pedindo à sorte
Que o fio, com que está minha alma presa
À vil matéria lânguida me corte:
Consola-me este horror, esta tristeza;
Porque a meus olhos se afigura a morte
No silêncio total da natureza.
Bocage

Vocabulário:

coche de ébano: carruagem de madeira escura

jaz: está ou parece morto

mocho: coruja

lânguida: doentia

Está presente no texto o seguinte traço característico da poesia de Bocage:

- a) temática religiosa.
- b) idealização do “locus amoenus”.
- c) quebra dos padrões formais clássicos.
- d) supremacia dos efeitos sonoros em detrimento da idéia.
- e) linguagem emotivo-confessional.

11) (UNIFESP-2007) Leia o poema de Bocage

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?
Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.
Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares, sussurrando, gira:
Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

O soneto de Bocage é uma obra do Arcadismo português, que apresenta, dentre suas características, o bucolismo e a valorização da cultura greco-romana, que estão exemplificados, respectivamente, em

- Tudo o que vês, se eu te não vira/Olha, Marília, as flautas dos pastores.
- Ei-las de planta em planta as inocentes/Naquele arbusto o rouxinol suspira.
- Que bem que soam, como estão cadentes!/Os Zéfiros brincar por entre flores?
- Mais tristeza que a morte me causara./Olha o Tejo a sorrir- se! Olha, não sentes.
- Que alegre campo! Que manhã tão clara!/Vê como ali, beijando-se, os Amores.

12) (UNIFESP-2005) Leia os versos do poeta português Bocage.

Vem, oh Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo.
Deixa louvar da corte a vã grandeza;
Quanto me agrada mais estar contigo,
Notando as perfeições da Natureza!

Nestes versos,

- o poeta encara o amor de forma negativa por causa da fugacidade do tempo.
- a linguagem, altamente subjetiva, denuncia características pré-românticas do autor.
- a emoção predomina sobre a razão, numa ânsia de se aproveitar o tempo presente.
- o amor e a mulher são idealizados pelo poeta, portanto, inacessíveis a ele.
- o poeta propõe, em linguagem clara, que se aproveite o presente de forma simples junto à natureza.

13) (Vunesp-2002) Sermão do Mandato

Começando pelo amor. O amor essencialmente é união, e naturalmente a busca: para ali pesa, para ali caminha, e só ali pára. Tudo são palavras de Platão, e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amor é unir, como pode ser efeito do amor o apartar? Assim é, quando o amor não é extremado e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem efeitos contrários. A dor faz gritar; mas se é excessiva, faz emudecer: a luz faz ver; mas se é excessiva, cega: a alegria alenta e vivifica; mas se é excessiva, mata. Assim o amor: naturalmente une; mas se é excessivo, divide: Fortis est ut mors dilectio: o amor, diz Salomão, é como a morte. Como a morte, rei sábio? Como a vida, dissera eu. O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir, e o efeito da morte é separar, como pode ser o amor semelhante à morte? O mesmo Salomão se explicou. Não

fala Salomão de qualquer amor, senão do amor forte? Fortis est ut mors dilectio: e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo, produz efeitos contrários. É união, e produz apartamentos. Sabe-se o amor atar, e sabe-se desatar como Sansão: afetuoso, deixa-se atar; forte, rompe as ataduras. O amor sempre é amoroso; mas umas vezes é amoroso e unitivo, outras vezes amoroso e forte. Enquanto amoroso e unitivo, ajunta os extremos mais distantes: enquanto amoroso e forte, divide os extremos mais unidos.

(ANTONIO VIEIRA. Sermão do Mandato. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 165-166.)

Feliza

Chamam-te gosto, Amor, chamam-te amigo
Da Natureza, que por ti se inflama;
Dizem que és dos mortais suave abrigo;
Que enjoo, e pesa a vida a quem não ama:
Mas com dura exp'riência eu contradigo
A falsa opinião, que um bem te chama:
Tu não és gosto, Amor, tu és tormento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Feliza de Sileu! Quem tal pensara
Daquela, entre as pastoras mais formosa
Que a vermelha papoila entre a seara,
Que entre as boninas a corada rosa!
Feliza por Sileu me desampara!
Oh céus! Um monstro seus carinhos goza;
Ansia cruel me esfalfa o sofrimento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Ingrata, que prestígio te alucina?
Que mágica ilusão te está cegando?
Que fado inevitável te domina,
Teu luminoso espírito apagando?
O vil Sileu não põe na sanfonina
Jeitosa mão, nem pinta em verso brando
Ondadas tranças, que bafeja o vento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.
(BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. Obras de Bocage. Porto: Lello & Irmão, 1968, p. 685-686.)

Os trechos transcritos do sermão de Vieira e do poema de Bocage apresentam traços peculiares de seus respectivos estilos de época, o barroco e o neoclássico. Verifique, numa leitura atenta, esses traços e, a seguir,
a) mencione e explique uma característica do estilo barroco que Vieira explora com insistência no seguinte trecho: "O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir, e o efeito da morte é separar, como pode ser o amor semelhante à morte?";
b) aponte um aspecto da segunda estrofe do poema de Bocage típico da poética neoclássica.

14) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Texto 1
Gregório de Matos

Goza, goza da flor da mocidade,
que o tempo trata a toda ligeireza
e imprime em toda flor a sua pisada.

Ó não aguardes, que a madura idade
te converta essa flor, essa beleza,
em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Texto 2
Basílio da Gama

Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de sofrer da idade os danos,
Por que me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos anos.

Os poemas de Gregório de Matos e de Basílio da Gama são da Era Clássica da literatura, embora pertençam a diferentes escolas literárias.

- Indique a que movimentos literários se filiaram, respectivamente, os autores.
- Explique a semelhança entre os textos no que diz respeito à temática abordada.

15) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Texto 1
Gregório de Matos

Goza, goza da flor da mocidade,
que o tempo trata a toda ligeireza
e imprime em toda flor a sua pisada.

Ó não aguardes, que a madura idade
te converta essa flor, essa beleza,
em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Texto 2
Basílio da Gama

Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de sofrer da idade os danos,
Por que me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos anos.

A expressão latina *carpe diem*, que significa “aproveite o dia (presente)”, foi uma constante nos dois períodos

literários representados pelos poemas de Gregório de Matos e Basílio da Gama.

- Transcreva, de cada um dos poemas, um verso em que a idéia do *carpe diem* esteja explicitamente apresentada.
- Que metáfora é comum aos dois poemas?

16) (UFMG-1998) Leia o soneto que se segue, de Cláudio Manuel da Costa.

Pastores, que levais ao monte o gado,
Vede lá como andais por essa serra;
Que para dar contágio a toda a terra,
Basta ver-se o meu rosto magoado:

Eu ando (vós me vedes) tão pesado;
E a pastora infiel, que me fez guerra,
É a mesma, que em seu semblante encerra
A causa de um martírio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde comigo,
Vereis a formosura, que eu adoro;
Mas não; tanto não sou vosso inimigo:

Deixai, não a vejais; eu vo-lo imploro;
Que se seguir quiserdes, o que eu sigo,
Chorareis, ó pastores, o que eu choro.

Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre esse soneto, exceto:

- O poema opõe um estilo de vida simples a um estilo de vida dissimulado.
- A palavra "guerra" enfatiza a recusa da pastora a corresponder aos afetos do poeta.
- O sentido da visão é o predominante em todas as estrofes do poema.
- A expressão "para dar contágio a toda a terra" revela a intensidade do sofrimento do pastor.

17) (UFSCar-2002) Texto 1
(Zé Rodrix e Tavito)

Eu quero uma casa no campo
do tamanho ideal
pau-a-pique e sapê
Onde eu possa plantar meus amigos
meus discos
meus livros
e nada mais

Texto 2
(Cláudio Manuel da Costa)
Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia,
Que da cidade o lisonjeiro encanto;
Aqui descanse a louca fantasia;
E o que té agora se tornava em pranto,

Se converta em afetos de alegria.

Embora muito distantes entre si na linha do tempo, os textos aproximam-se, pois o ideal que defendem é o uso da emoção em detrimento da razão, pois esta retira do homem seus melhores sentimentos.

- b) o desejo de enriquecer no campo, aproveitando as riquezas naturais.
- c) a dedicação à produção poética junto à natureza, fonte de inspiração dos poetas.
- d) o aproveitamento do dia presente - o carpe diem-, pois o tempo passa rapidamente.
- e) o sonho de uma vida mais simples e natural, distante dos centros urbanos.

18) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas do trecho apresentado.

Simplificando a linguagem lírica de Cláudio Manuel da Costa, mas evitando igualmente a diluição dos valores poéticos no sentimentalismo, as mais densas, dedicadas a, fizeram de uma figura central do nosso Arcadismo.

- a) crônicas - Marília - Dirceu.
- b) crônicas - Gonzaga - Dirceu.
- c) sátiras - Dirceu - Gonzaga.
- d) líras - Gonzaga - Dirceu.
- e) líras - Marília - Gonzaga.

19) (ITA-2002) Leia os seguintes textos, observando que eles descrevem o ambiente natural de acordo com a época a que correspondem, fazendo predominar os aspectos bucólico, cotidiano e irônico, respectivamente:

Texto 1

Marília de Dirceu

Enquanto pasta, alegre, o manso gado,
minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive nos descobre
A sábia Natureza.
Atende como aquela vaca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, enquanto chupa a lisa teta.
Atende mais, ó cara,
Como a ruiva cadela
Suporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima dela.

(GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu. In: Proença Filho, Domício. Org. A poesia dos inconfidentes. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996, p. 605.)

Texto 2

Bucólica nostálgica

Ao entardecer no mato, a casa entre
bananeiras, pés de manjerição e cravo santo,
aparece dourada. Dentro dela, agachados,
na porta da rua, sentados no fogão, ou aí mesmo,
rápidos como se fossem ao Êxodo, comem
feijão com arroz, taioba, ora-pro-nobis,
muitas vezes abóbora.

Depois, café na canequinha e pito.

O que um homem precisa pra falar,

entre enxada e sono: Louvado seja Deus!

(PRADO, Adélia. Poesia Reunida. 2ª ed. São Paulo: Siciliano, 1992, p. 42.)

Texto 3

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras

Mulheres entre laranjeiras

Pomar amor cantar

Um homem vai devagar.

Um cachorro vai devagar.

Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(ANDRADE, Carlos Drummond. Obra Completa. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p. 67.)

Assinale a alternativa referente aos respectivos momentos literários a que correspondem os três textos:

- a) Romântico, contemporâneo, modernista.
- b) Barroco, romântico, modernista.
- c) Romântico, modernista, contemporâneo.
- d) Árcade, contemporâneo, modernista.
- e) Árcade, romântico, contemporâneo.

20) (UFPB-2006) No *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles recria poeticamente os acontecimentos históricos de Minas Gerais, ocorridos no final do século XVIII. Nesta mesma época, circulavam, em Vila Rica, as *Cartas Chilenas*, atribuídas a Tomás Antônio Gonzaga.

O fragmento a seguir foi extraído da *Carta 2* em que Critilo (Gonzaga), dirigindo-se ao seu amigo Doroteu (Cláudio Manuel da Costa), narra o comportamento do Fanfarrão Minésio (Luís da Cunha Meneses, governador de Minas).

Aquele, Doroteu, que não é Santo
Mas quer fingir-se Santo aos outros homens,
Pratica muito mais, do que pratica,
Quem segue os são caminhos da verdade.
Mal se põe nas Igrejas, de joelhos,
Abre os braços em cruz, a terra beija,
Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,
Faz que chora, suspira, fere o peito;
E executa outras muitas macaquices,
Estando em parte, onde o mundo as veja.

(GONZAGA, Tomás Antônio. **Cartas Chilenas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 68-69).

Considerando as informações apresentadas e esse fragmento poético, é correto afirmar:

- a) O autor descreve as atitudes do governador de Minas sem fazer uso de um tom irônico.
- b) O autor critica algumas atitudes do governador de Minas, julgando-as dissimuladas.
- c) O autor descreve, com humor, o comportamento do governador de Minas, sem apresentar um posicionamento crítico.
- d) O tom satírico, presente nas *Cartas Chilenas*, não é observado nesse fragmento, pois, aqui, há apenas a descrição das práticas religiosas do Fanfarrão Minésio.
- e) O autor chama a atenção para o fato de que o governador de Minas age com fervor, longe dos olhos dos fiéis.

21) (Mack-2004) Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de são amoros (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

Tomás Antônio Gonzaga

Nos versos acima,

- a) o eu-lírico, ao lamentar as transformações notadas em seu corpo e alma pela passagem do tempo, revela-se amoroso homem de meia-idade.
- b) que retomam tema e estrutura de uma “canção de amigo”, está expresso o estado de alma de quem sente a ausência do ser amado.
- c) nomeia-se diretamente a figura ironizada pelo eu-lírico, a mulher a quem se poderiam fazer convites amorosos mais ousados.
- d) em que se notam diálogo e estrutura paralelística, o ponto de vista dominante é o do amante que vê seus sentimentos antagônicos refletidos na natureza.
- e) a natureza é o espaço onde o amado se sente à vontade para expressar diretamente à amada suas inclinações sensuais.

22) (Mack-2004) Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de são amoros (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

Tomás Antônio Gonzaga

Quanto ao estilo, os versos

- a) revelam a presença não só de formas mais exageradas de inversão sintática - hipérbatos -, como também de comparações excessivas, resíduos do estilo cultista.
- b) comprovam a predileção pelo verso branco e pela ordem direta da frase, característicos da naturalidade desejada pelos poetas do Arcadismo.
- c) denotam - pela singeleza do vocabulário, pela sintaxe quase prosaica - a vontade de alcançar a simplicidade da linguagem, em oposição à artificialidade do Barroco.
- d) organizam-se em torno de antíteses, na busca de caracterizar, em atitude pré-romântica, o amor ideal e a pureza do labor da terra.
- e) constroem-se pelo desdobramento contínuo de imagens, compondo um quadro em que a emoção é tratada de modo abstrato, de acordo com a convenção árcade.

23) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. *A burrice do demônio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo

.....

Todo o amor que em meu peito repousava,

Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Linceu, 1972. V5. p.43)

Quando os Risos e os Amores
Aparecem nos teus olhos,
Até d'ásperos abrolhos
Vejo flores rebentar.

Mas se deixas este prado,
Ai de mim ! Cruéis pesares !
Sinto escuro o céu e os ares
E enlutado o bosque e o mar.

(ALVARENGA, Silva. Glaura. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.120 -121)

O fragmento acima é retirado de um rondó escrito pelo poeta árcade Silva Alvarenga, no século XVIII. Comparando este fragmento com o texto III, pode-se afirmar que:

- Existe uma preocupação dos dois escritores de manter o mesmo número de sílabas métricas.
- Existe uma diferença de gênero literário entre os dois textos, já que apenas o texto III é um rondó.
- Há um coloquialismo acentuado no texto III, marca registrada da linguagem modernista, mas não da neoclássica.
- Há uma semelhança marcante entre os dois textos, já que ambos pertencem ao gênero épico ou narrativo.
- Há uma aproximação temática entre os dois textos, quanto à ausência de sentimentos do eu lírico.

GABARITO

- 1) Alternativa: C
- 2) Alternativa: C
- 3) a) Há várias. As principais são:
Retomada da mitologia clássica (Vênus, 3º verso)
Rigor formal (soneto)
b) Também há várias. As principais são:
Subjetivismo
Religiosidade
Presença da morte
Egocentrismo
- 4) a) Os três textos tratam da comunicação escrita como forma de arte.
b) Que leia os clássicos. A proposta de retomada dos clássicos é uma marca do Neoclassicismo.
- 5) Alternativa: D
- 6) Alternativa: D
- 7) Alternativa: A
- 8) Alternativa: B
- 9) Alternativa: C
- 10) Alternativa: E
- 11) Alternativa: E
- 12) Alternativa: E
- 13) a) Trata-se da antítese, que consiste na aproximação de idéias contrárias, como união e separação.
b) O ambiente pastoril e bucólico (“entre as pastoras mais formosa”).
- 14) a)
Gregório de Matos - Barroco
Basílio da Gama - Arcadismo
b) viver a vida e aproveitar a mocidade e a beleza.
- 15) a)
Texto I
goza da flor da mocidade,

Texto II
Gozemo-nos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos anos
- b) flor é a metáfora, indicando os verdes anos.
- 16) Alternativa: A
- 17) Alternativa: A
- 18) Alternativa: A
- 19) Alternativa: D
- 20) Alternativa: B
- 21) Alternativa: E
- 22) Alternativa: C
- 23) Alternativa: C